

## MATERIALISMO HISTÓRICO DIALÉTICO E CATEGORIAS METODOLÓGICAS MARXIANAS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E POLÍTICAS PÚBLICAS

**HILHENO OLIVEIRAL MIRANDA**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**ENNA DÉBORA PASSOS BRAGA PIRES**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**JASMYN ALVES FRANÇA**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB**

**VANEIDE FERREIRA VIANA**

**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB**

**Resumo:** O presente artigo apresenta e defende o Materialismo Histórico e Dialético (MHD) como orientação teórico-metodológica fundamental para as pesquisas na área de Educação, em especial na investigação das políticas públicas educacionais. A Educação e, conseqüentemente, as políticas públicas educacionais, são parte integrante da totalidade social, condicionando e sendo condicionada por diversos outros fenômenos e estruturas sociais. Isso faz com que os fenômenos educacionais estudados, que apesar de trazerem consigo uma bagagem histórica sobre a qual estão assentados, sejam contraditórios e nem sempre manifestem seus objetivos e influências. É justamente esse caráter dialético e multifacetado que faz com que o MHD seja uma imprescindível “chave de leitura” da Educação. Como teoria e método, em Marx, estão imbricados, serão discutidos no trabalho alguns fundamentos do Materialismo Histórico Dialético, tomando como referência a obra *A Ideologia Alemã* (Marx; Engels, 2011). Além disso, serão discutidas e apresentadas categorias metodológicas próprias do MHD a partir de apontamentos metodológicos marxianos, que estão nos *Grundrisse* (Marx, 2007).

544

**Palavras-chave:** Categorias marxianas. Categorias metodológicas. Materialismo Histórico Dialético.

### **Abstract**

This article presents and defends the Historical and Dialectical Materialism (MHD) as a fundamental theoretical and methodological orientation for research in the area of Education, especially in the investigation of public educational policies. Education and, consequently, educational public policies, are an integral part of the social totality, conditioning and being conditioned by several other phenomena and social structures. This makes the educational phenomena studied, which despite bringing with them a historical baggage on which they are settled, contradictory and not always manifest their goals and influences. It is precisely this dialectical and multifaceted character that makes MHD an indispensable "reading key" of Education. As theory and method, in Marx, are intertwined, will be discussed in this work some foundations of Dialectical Historical Materialism, taking as reference the work *The German Ideology* (Marx; Engels, 2011). In addition, methodological categories specific to the MHD will be discussed and presented from Marxian methodological notes, which are in the *Grundrisse* (Marx, 2007).

**Keywords:** Marxian categories. Methodological categories. Dialectical Historical Materialism. **Keywords:** Tradução das palavras-chave.

## Introdução

Cada pesquisador/a observa e analisa seu objeto de estudo sob um “ponto de vista” determinado. Este “ponto de vista” a que nos referimos está ligado ao acúmulo teórico geral do/a pesquisador/a; ao acúmulo teórico que o/a cientista tem com relação ao objeto; e ao seu conhecimento de mundo – afinal, não nascemos prontos/as e acabados/as, com todas as “ferramentas intelectuais” para interpretar e agir no mundo. Nos “formamos” a cada nova relação social, a cada experiência, a cada coisa que estudamos. E, utilizamos esse conhecimento por nós acumulados, em nossa “formação contínua”, para compreender a realidade com que nos defrontamos, seja nos estudos ou no dia-a-dia.

Com relação à ciência, o conhecimento teórico serve de “instrumento” para “enxergar melhor” o objeto – sua essência, seus contornos e sua conexão, sua interação, com o mundo. O conhecimento teórico também orienta metodologicamente o/a pesquisador/a como produzir e compartilhar – de forma válida pela comunidade científica – conhecimentos sobre o objeto que está sendo estudado.

Para Ghedin e Franco (2011), quando falamos de método na pesquisa na área de Educação, estamos nos referindo, tanto às questões filosófico-epistemológicas, quanto à utilização de procedimentos, meios, operações (como, por exemplo, entrevistas, pesquisa etnográfica, revisão bibliográfica, análise documental, etc.) para que se possa acessar e conhecer o objeto estudado. Como relação a este último caso, à dimensão operativa, por assim dizer, esta não é objeto do presente trabalho. Ainda assim, entendemos ser relevante acrescentar nesse sentido que é a estrutura e dinâmica do objeto que vão apontar a necessidade da adoção de determinados procedimentos por parte do/a pesquisador/a para apreender o fenômeno investigado (Netto, 2011).

Ainda de acordo com Ghedin e Franco (2011), a natureza do fenômeno educacional possui especificidades complexas que o paradigma positivista não consegue dar conta na investigação. Dentre estas especificidades, o autor e a autora destacam a natureza dialética da educação, o que faz do Materialismo Histórico Dialético (MHD) uma “chave de leitura” central para investigar os fenômenos educacionais:

A educação é uma prática social humana; é um processo histórico inconcluso, que emerge da dialética entre homem, mundo, história e circunstâncias. Sendo um processo histórico, não poderá ser apreendida por meio de estudos metodológicos que congelam alguns momentos dessa prática. Deverá o método dar conta de

apreendê-la em sua natureza dialética, captando não apenas as objetivações de uma prática real concreta, mas também a potencialidade latente de seu processo de transformação (Ghedin; Franco, 2011, p. 40).

Seguindo essa toada, com relação às questões filosófico-epistemológicas mencionadas anteriormente, que orientam “o método” para investigar objetos de estudo na área da Educação, propomos, aqui, o Materialismo Histórico Dialético como orientação teórico-metodológica (OTM) basilar para o desenvolvimento das pesquisas neste campo. Dito isso, o presente trabalho visa trazer contribuições marxianas<sup>1</sup> para pesquisadores/as da área de Educação, em especial os/as que estudam as políticas públicas educacionais, apresentando o Materialismo Histórico Dialético (MHD) como aporte teórico-metodológico imprescindível a ser utilizado para investigar tais fenômenos, visto que

Uma política educativa, ao ser analisada tomando-se como fundamento a concepção marxiana, não pode ser analisada isoladamente. Qualquer política educacional, por mais específica que seja, constitui-se como um complexo que só pode ser entendido na sua essência, se forem estabelecidas mediações com outros complexos que a determinam e que, em síntese, formam a totalidade social (Masson, 2014, p. 221).

Dessa maneira, na seção a seguir será feita uma exposição sobre o Materialismo Histórico Dialético (MHD), orientação teórico-metodológica advogada pelo trabalho. Na primeira parte da seção, tomando a obra *A Ideologia Alemã* (Marx; Engels, 2011) como referência, será feita uma explanação sobre os fundamentos do MHD. Na segunda parte da seção, a partir de apontamentos teórico-metodológicos de Marx (2007), na obra *Grundrisse*, discutiremos categorias metodológicas marxianas que são fundamentais para auxiliar pesquisadores/as na análise e apreensão de seus objetos de estudo.

Como Rodríguez (2014) nos explica, numa investigação científica podemos ter dois tipos de categorias, unidades de análise que nos auxiliam na compreensão do objeto: as categorias de simples ou de conteúdo, que são próprias do objeto estudado; e as categorias metodológicas, que são provenientes da OTM adotada pelos/as pesquisadores para analisar o objeto. São estas últimas, as categorias metodológicas – a saber, a historicidade, as determinações, a totalidade e a contradição – que serão discutidas na segunda parte da próxima seção. Na última seção, serão apresentadas as considerações finais do trabalho, ressaltando a perspectiva revolucionária e transformadora do MHD. Além disso, a

---

<sup>1</sup> A título de conhecimento para pesquisadores/as que não têm muita familiaridade com o MDH, o termo “marxiano” se refere a contribuições advindas do próprio Marx. Diferente disso, quando falamos, por exemplo, de contribuições “marxistas”, estamos nos referindo a contribuições de pessoas que tem Marx e Engels, e a teoria formulada por estes, como guia.

importância e pertinência da adoção do MHD para o estudo de fenômenos ligados à Educação e, em especial, às políticas públicas educacionais e também são reafirmadas.

## O Materialismo Histórico Dialético como orientação teórico-metodológica

No intuito de auxiliar os/as leitores/as a entenderem a epistemologia, aqui, defendida – nossa orientação teórico-metodológica –, a qual é a forma de analisar a realidade que advogamos, a seguir discutiremos alguns pressupostos e categorias do Materialismo Histórico Dialético. Entendemos que estes são um importante alicerce teórico-metodológico para o desenvolvimento de pesquisas na área de Educação e nos estudos de políticas públicas educacionais que, por conseguinte, são fundamentais para a análise de objetos dessa natureza.

Friedrich Engels e Karl Marx, em especial este último, são os dois fundadores e principais referências do Materialismo Histórico Dialético (MHD). Esta corrente de pensamento inaugurada por estes dois grandes teóricos e revolucionários é, ao mesmo tempo, uma potente perspectiva teórica e também uma ferramenta metodológica de análise e compreensão da realidade – é justamente por isso que nos referimos, aqui, ao MHD como a uma orientação teórico-metodológica (OTM). Para Netto (2011, p. 55), esta íntima conexão entre teoria e método

Impede uma abordagem que, na obra de Marx, autonomize o método em face da teoria: não é possível, senão ao preço de uma adulteração do pensamento marxiano, ao analisar o método sem a necessária referência e, igualmente, a teoria social de Marx torna-se ininteligível sem a consideração de seu método.

Uma das maneiras de se identificar que a teoria social e o método estão imbrincadas no MHD é que Marx e Engels não escreveram obras específicas para tratar do método. Na produção destes autores são encontradas poucas páginas que tratam de questões metodológicas de maneira específica (Hungaro, 2014). Assim, para tratar de categorias metodológicas e elementos do MHD que apresentaremos no presente estudo, além de nos debruçarmos sobre algumas obras específicas destes dois autores, também é necessário contar com as significativas contribuições de teóricos marxistas, tais como Netto (2011), Kosik (1976), Hungaro (2014) e Cury (2000).

Começaremos nossa empreitada pela *A Ideologia Alemã* (Marx; Engels, 2007). Esta obra, que não foi escrita com o intuito principal de ser publicadas, mas serviu como uma forma de os autores acertarem as contas com suas trajetórias intelectuais e com suas principais referências teóricas – Feuerbach e Hegel (Hungaro, 2014). É justamente a partir desta obra que podemos apontar que passou a existir o MHD, pois Marx e Engels sistematizaram sua

concepção teórica criticando as concepções materialista e idealista, mas preservando o que entendiam como essenciais para entender o mundo, as relações sociais e de produção, buscando sempre transformá-lo.

Ao abordar a concepção materialista de Feuerbach, os autores apontam que este ainda está preso na teoria, não levando em consideração as relações sociais e humanas como determinantes.

É certo que Feuerbach tem em relação aos materialistas “puros” a grande vantagem de que ele compreende que o homem é também “objeto sensível”; mas, fora o fato de que ele apreende o homem apenas como “objeto sensível”, e não como “**atividade sensível**” – pois se detém ainda no plano da teoria –, e **não concebe os homens em sua conexão social dada, em suas condições de vida existentes, que fizeram deles o que são**, ele não chega nunca até os homens ativos, realmente existentes, mas permanece na abstração “o homem” e não vai além de reconhecer no plano sentimental o “homem real, individual e corporal”, isto é, não conhece quaisquer outras “relações humanas” “do homem com o homem” que não sejam as do amor e da amizade, e ainda assim idealizadas (Marx; Engels, 2007, p. 32, grifo nosso).

Como demonstra a passagem acima, a concepção materialista, para estes autores, não se resume a se referir teoricamente à matéria. Tampouco, para eles, a realidade é produto da ação individual “do homem” (sensível) e da mulher<sup>2</sup>. Para Marx e Engels (2007), os homens e as mulheres são resultado das suas relações sociais que, por sua vez, são produto da forma com que os homens e mulheres produzem as suas vidas.

Assim, da mesma maneira que os autores criticaram<sup>3</sup> em Feuerbach a forma que este compreende a realidade, eles também combatem a perspectiva idealista dos jovens hegelianos – os quais defendiam que as relações materiais que os seres humanos se defrontam são resultado de sua consciência. Diferentemente do modo com que os idealistas interpretam como se dá a realidade, para Marx e Engels (2007, p. 93), “a produção das ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real”.

<sup>2</sup> Marx e Engels, mesmo sendo brilhantes pensadores e lutadores das causas sociais, ainda assim, eram homens de seu tempo. Um exemplo disso é que sempre que os autores se referiam à humanidade de forma genérica utilizavam como sinônimo a expressão “o homem”. No entanto, tomando principalmente como referência as lutas travadas pelo movimento feminista, partimos do entendimento que o gênero gramatical masculino não dá conta de representar sozinho, mesmo que de forma genérica, as peculiaridades de homens e mulheres no mundo. Por isso, sempre que neste trabalho for preciso apresentar um argumento que compreenda a humanidade de forma genérica, iremos nos referir aos dois gêneros e também utilizaremos os termos “homens e mulheres”.

<sup>3</sup> Para Netto (2011, p 18, grifos do autor), a perspectiva crítica em Marx nada tem a ver com um entendimento vulgar sobre crítica. De acordo com o autor, “a crítica do conhecimento acumulado consiste em trazer ao exame racional, tornando-os conscientes, os seus *fundamentos*, os seus *condicionamentos* e os seus *limites* – ao mesmo tempo em que se faz a verificação dos conteúdos desse conhecimento a partir dos processos históricos reais”.

Seguindo este raciocínio, Marx e Engels (2007) afirmam que as classes que conseguem dominar os meios de produção de seu tempo – do momento histórico que vivem – são as mesmas que conseguirão produzir as ideias dominantes daquele período histórico. E, é dessa forma que os ideólogos da burguesia conseguem fazer com que as demais classes vejam o mundo à sua maneira.

Se, em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem de cabeça para baixo, como numa câmara escura, este fenômeno resulta do seu próprio processo histórico de vida, da mesma forma como a inversão dos objetos na retina resulta de seu processo de vida imediatamente físico.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir do seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam (Marx; Engels, 2007, p. 94).

A analogia feita pelos autores do efeito óptico que se dá na retina como forma similar à que a ideologia faz com que as pessoas vejam o mundo “de cabeça para baixo”, está diretamente ligada à crítica da perspectiva idealista de compreender como se dá a realidade – ou seja, a ideologia, que é a forma pela qual a burguesia entende a realidade, é também uma perspectiva idealista. Quando Marx e Engels apontam que os idealistas descem “do céu à terra” – “de cima para baixo” e, portanto, de maneira invertida, “de cabeça para baixo” – eles também estão fazendo uma crítica à defesa dos idealistas, segundo os quais é “a consciência que determina a vida”. Assim, compreender a realidade na perspectiva do Materialismo Histórico Dialético – ou seja, de maneira não ideológica, não idealista – é analisá-la (partindo) da vida material para a consciência, “da terra ao céu”, de “baixo para cima” – é “enxergar” a realidade de maneira não invertida.

O que Marx e Engels (2007) estão afirmando é que a consciência, as ideias, os conceitos, a forma como entendemos o mundo, é resultado da maneira como produzimos nossa vida. Isso significa dizer que, como apontado no fragmento anterior, tanto as ideias, como as coisas, não são autônomas, não são independentes e não se bastam sozinhas – como a ideologia, na perspectiva destes autores, tenta deixar transparecer. Para eles o “mundo sensível” é **“um produto histórico, o resultado da atividade de toda uma série de gerações, que, cada uma delas sobre os ombros da precedente, desenvolveram sua**

indústria e seu comércio e modificaram sua ordem social de acordo com as necessidades alteradas” (Marx; Engels, 2007, p. 30, grifo nosso).

Assim, diante do que foi discutido até aqui, podemos destacar que Marx e Engels (2007) nos mostram n’A *Ideologia Alemã* três pontos que são basilares para a compreensão de sua teoria e, portanto, que também podem nos servir como aporte para compreender a realidade e analisar os nossos objetos de estudo. **Primeiro**: esta é uma teoria **materialista**, não porque, simplesmente, os autores têm Feuerbach como referência. O **materialismo** que Marx e Engels (2007) reivindicam prova empiricamente que, tanto a realidade social, quanto os homens e mulheres e também as suas consciências – ideias e representações – são resultado das condições materiais de existência, da forma como estes produzem suas vidas e, portanto, da maneira como se relacionam.

Em outras palavras, isso quer dizer também que não se pode afirmar que determinada circunstância social – como, por exemplo, o fascismo, a ditadura brasileira e até a produção de uma política pública, como o Plano Nacional de Educação – tenha sido resultado de alguma corrente de pensamento específica, ou da ação individual de algumas pessoas. Muito pelo contrário. O que o materialismo defendido por Marx e Engels nos aponta é que, longe de ser resultado da ideologia ou da ação individual, os fenômenos sociais são produtos das relações materiais que, por sua vez, carregam sob “seus ombros” o acúmulo histórico das relações e gerações que as precederam.

É justamente neste sentido que o **segundo ponto** a ser destacado é a **historicidade**. A **história**, aqui, é protagonista, **ela** não aparece como algo meramente figurativo, amorfo. No **Materialismo Histórico** os fenômenos sociais são resultado da ação humana acumulada historicamente. Ao discutir a produção em seu período, Marx (2011, p. 41) ressalta que “nenhuma produção é possível sem o trabalho passado, acumulado, mesmo sendo esse trabalho apenas a destreza acumulada e concentrada na mão do selvagem pelo exercício repetido”. Ou seja, os fenômenos trazem consigo, são constituídos, por **determinantes**, condicionantes históricos resultado da ação humana de intervenção no mundo.

Assim, dizer que os fenômenos e, por conseguinte, as ideias, são historicamente condicionados é rejeitar a afirmação (ideológica) de que as desigualdades de ordem social, étnica e de gênero **são naturais**; é rejeitar, por exemplo, a hipótese de que qualquer movimento ou grupo de direita, ou de esquerda seja autônomo, independente e neutro, sem interesses políticos e influências; é rejeitar que um determinado fenômeno – como, por exemplo, a aprovação ou execução de uma política pública – se dá de forma autônoma, sem a

interferência de interesses e de fatores, **circunstâncias** que a determinaram. Nas palavras dos próprios autores, nesta concepção de história,

Em cada um dos seus estágios encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente estabelecida com a natureza e que os indivíduos estabelecem uns com os outros; relação que cada geração recebe da geração passada, uma massa de forças produtivas, capitais e circunstâncias que, embora seja, por um lado, modificada pela nova geração, por outro lado prescreve a esta última suas próprias condições de vida e lhe confere um desenvolvimento determinado, um caráter especial – que, portanto, **as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias**. Essa soma de forças de produção, capitais e formas sociais de intercâmbio, que cada indivíduo e cada geração encontram como algo dado, é o fundamento real daquilo que os filósofos representam como “substância” e “essência do homem” (Marx; Engels, 2007, p. 43, grifo nosso).

Para os fundadores do MHD, a realidade está sempre em constante transformação, nunca estando pronta e acabada. Quando as pessoas, para produzir sua existência, se utilizam e modificam as condições que lhes foram herdadas das gerações anteriores, eles estão **negando dialeticamente** a realidade para transformá-la da forma que atenda seus interesses para sua sobrevivência e perpetuação.

A sobrevivência não é algo líquido e certo, que está dado. Assim, a produção da própria existência dos homens e mulheres está em constante processo, de forma contínua, ininterrupta, cotidiana. Dessa maneira, sendo a “vida que determina a consciência” (Marx; Engels, 2007, p. 94), como já explicado anteriormente, esse **movimento dialético** do real também acontece numa “perspectiva espiritual”, no pensamento. Este, inclusive é o movimento constante que proporciona à **práxis**: ação-reflexão-ação, enquanto movimento contínuo.

Assim, chegamos ao **terceiro ponto** importante que é trazido n’*A Ideologia Alemã* e que gostaríamos de ressaltar. O Materialismo Histórico de Marx e Engels (2007) é **dialético**, não só porque os autores tomaram como referência a dialética de Hegel. O **Materialismo Histórico** também é **Dialético** porque Marx e Engels (2007, p. 94) defendem que a realidade está neste contínuo processo de transformação dialética e também porque eles invertem a dialética hegeliana – que toma como **ponto de partida** a consciência –, demonstrando que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”.

Seguindo esta toada, após exemplificarmos alguns fundamentos do Materialismo Histórico Dialético, no intuito de ter um bom alicerce para analisar objetos de estudo na área de Educação e políticas públicas educacionais, abordaremos agora os *Grundrisse*, uma obra de Marx (2011) em sua fase mais madura, onde “se encontram sintetizadas as bases do método que viabilizou a análise contida n’*O capital*” (Netto, 2011, p. 19). Esta é uma obra das

mais importantes – senão a mais importante – com relação à questão metodológica para o MHD. Neste livro, mais precisamente na conhecida “Introdução de 1857”, em poucas páginas Marx “explica o caminho investigativo para se estabelecer a relação com o objeto investigado” (Hungaro, 2014, p. 70).

Passemos a análise de um pequeno, mas denso, trecho onde estão pistas valiosas sobre o método investigativo em Marx (2011, p. 54, grifo nosso):

Se considerarmos **um dado país de um ponto de vista político-econômico**, começamos pela sua população, sua divisão de classes, a cidade, o campo, o mar, os diferentes ramos de produção, a importação e a exportação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc.

Parece ser correto **começarmos pelo real e pelo concreto**, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, **começarmos pela população**, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia, **se desconheço os elementos nos quais se baseiam**. P. ex. trabalho assalariado, capital etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço etc. O capital, p. ex. não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc. Por isso, se eu começasse pela população esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; **do concreto repensado a conceitos abstratos cada vez mais finos, até que estivesse chegado às determinações mais simples**. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica do todo, mas como **uma rica totalidade de muitas determinações e relações**.

A primeira coisa a ser observada é justamente que o ponto de partida sempre é a realidade material, o concreto, algo que está no “mundo sensível”. Quando o autor fala que, para analisar um dado país, ter a população como “ponto de partida” “se mostra falso”, ele está se referindo a tomar apenas a **aparência** da população como ponto de partida, deixando de fora seus **determinantes** – como, por exemplo, “as classes das quais é constituída”. Porém, as classes, segundo Marx (2011), se analisadas também pela aparência, aparecem como algo vazio se não forem observadas as suas partes constitutivas.

Na sequência, o autor mostra que cada “unidade” que ele apresenta para ser analisada – como as classes – é composta por outras “unidades” que a constituem e dão vida. Vale lembrar que, no fragmento citado, a primeira coisa que Marx (2011, p. 54) apresentou como **um todo** a ser analisado foi “um dado país de um ponto de vista político econômico” e ele também o decompôs em outras unidades. Mesmo assim, cada unidade desta, como a população, também se apresentou como **um todo** que, por sua vez, também foi decomposto em outras unidades que os constituem, que **determinam** as suas existências. “Esta

decomposição do todo, que é o elemento constitutivo do conhecimento filosófico – com efeito, sem decomposição não há conhecimento” (Kosik, 1976, p. 18).

Então, quando Marx (2011, p. 54) nos diz que a população, no começo da análise, é “uma representação caótica do todo”, ele está dizendo (primeiro) que ela, a população, é uma representação caótica de si mesma enquanto o **todo** que existe através de várias partes que a determinam; e (segundo), que a população é “uma representação caótica do todo” que ela é parte integrante – vale lembrar que o todo que a população faz parte é “um dado país de um ponto de vista político econômico”. Ou seja, mesmo dentro da sua singularidade, a população constitui, faz parte, representa um dado país.

A partir daí, Marx (2011) nos mostra que é através de um aprofundamento teórico e da análise sobre este objeto – nesse caso, a população – que se chega a encontrar e compreender “às determinações mais simples” que constituem o mesmo. E, após realizado esse percurso metodológico (que ainda não terminou), se retorna ao objeto, compreendo que ele é **uma totalidade**, um **todo** que, ao mesmo tempo é constituído, é também **determinado** por **outros todos** que ele se relaciona – ou, repetindo as palavras do próprio autor, “uma rica totalidade de muitas determinações e relações” (Marx, 2011, p. 54).

É importante destacar que na acepção marxiana determinantes, ou determinações, não devem ser confundidos como expressão de determinismo. Determinantes são outras totalidades que determinam, condicionam, influenciam o objeto, fazem parte deste em sua realidade concreta. Hungaro (2014, p. 71) explica que “investigar, para Marx, é buscar essas determinações do objeto. O conhecimento do objeto é tanto maior quanto maiores forem as determinações encontradas”. Assim, como a realidade – e, por conseguinte, as partes que constituem o todo analisado – está em constante transformação, cada determinante condiciona de uma maneira única o objeto estudado. Dessa maneira, podemos observar que não há determinismo, ou teleologia no MHD.

Traremos um exemplo do próprio Marx (2011) na citação anterior sobre como um objeto se constitui a partir de sua conexão com outros fenômenos que acabam fazendo parte dele e o condicionando – o determinando. Para estudar um país de um ponto de vista econômico é necessário que levemos em consideração algumas partes constitutivas deste que o condicionam, que o determinam: sua população, sua divisão de classes, a cidade, etc. Aprofundando a investigação, para entendermos melhor um desses traços constitutivos, a população, esta é uma abstração se não consideramos as classes. Para estudar as classes, por sua vez, deve-se levar em consideração o trabalho assalariado, o capital... e assim por diante.

Ou seja, os objetos estudados são determinados – são resultados da sua relação com outros fenômenos.

Essa relação de mediação, de conexão entre as totalidades, faz com que, por um lado, cada totalidade esteja sempre aberta – se conectando e fazendo parte de outras totalidades – e, por outro lado, “cada fenômeno só pode vir a ser compreendido como um momento definido em relação aos outros fenômenos” (Cury, 2000, p. 36).

Dessa maneira, feito esse percurso de investigação – de começar pelo concreto, se utilizar do recurso da abstração e, através de um aprofundamento teórico, encontrar os determinantes, e depois retornar ao concreto – podemos falar após esse caminho de volta que o objeto é uma “totalidade concreta como totalidade de pensamento, como um concreto de pensamento, é de fato um produto do pensar, do conceituar” (Marx, 2011, p. 55).

De forma elucidativa, Netto (2011, p. 56, grifo do autor) nos ajuda a compreender melhor sobre **a totalidade**, esta categoria que é imprescindível para a análise teórica e metodológica da realidade. De acordo com o autor, a totalidade,

É uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade. Nenhuma dessas totalidades é “simples” – o que as distingue é o seu grau de complexidade (é a partir desta verificação que, para retomar livremente uma expressão lukacsiana, a realidade da sociedade da sociedade burguesa pode ser apreendida como *um complexo constituído por complexos*).

554

Assim, fica denotado que totalidade é, não só, cada **objeto** que está sendo analisado, mas também as partes – as determinações – que o constituem, bem como o todo que o objeto integra. E, a partir da totalidade, podemos apreender uma outra categoria que é parte fundamental do MHD: **a contradição**. Partindo da totalidade, a contradição pode ser observada, em dois momentos que estão imbrincados: na contradição aparência/essência; e no processo dialético de transformação do real.

Quando analisamos o fenômeno apenas sua superficialidade, na sua aparência, sem conhecer os elementos que o constituem, suas determinações, este mundo da aparência fenomênica é chamado por Kosik (1976, p. 15) de pseudoconcreticidade.

O mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde. A essência se manifesta no fenômeno, mas só de modo inadequado, parcial, ou apenas sob certos ângulos e aspectos. O fenômeno indica algo que não é ele mesmo e vive apenas graças ao seu contrário. A essência não se dá imediatamente; é mediada ao fenômeno e, portanto, se manifesta em algo diferente daquilo que é.

A contribuição acima de Kosik (1976) nos ajuda a entender melhor o percurso de análise do objeto descrito por Marx (2011), quando este alerta que, em outras palavras, a

aparência do fenômeno engana e que não se deve analisá-lo sem levar em consideração as suas determinações. No fragmento descrito de Marx (2011), à luz da contribuição de Kosik (1976), pode-se compreender que a pseudoconcreticidade é **contraditória**, pois a essência faz parte do fenômeno, mas ele, contraditoriamente, a esconde; a essência está lá, mas aparece só parcial ou inadequadamente.

Desse modo, o fenômeno existe graças à contradição que lhe é inerente, graças às determinações que lhe dão vida enquanto totalidade, mas que são contraditórias a este quando se manifestam como diferentes dele. Portanto, as determinações, mesmo constituindo o objeto, o contradizem ao manifestarem que são outras totalidades, que tem suas singularidades, e que são, cada uma, diferentes na aparência e na essência do objeto ora analisado.

A realidade, na concepção de Kosik (1976, p. 16), “é a unidade do fenômeno e da essência”. Tanto o mundo sensível como o reflexo dele na mente humana estão em constante devir – ou seja, não são imutáveis, nunca estão prontos e acabados, sempre estão se transformando. E, ao constatar que a realidade, a aparência e essência de um dado objeto, são dinâmicas, estando sempre em processo – negando a si mesmas para se modificar e serem diferente do que eram –, constatamos também que a contradição está presente em todo esse movimento.

555

Em outras palavras, a contradição, enquanto força motriz da dialética, como negação do que está posto para que o mesmo possa se transformar, é, não só uma importante chave de leitura do MHD para a compreensão dos fenômenos, como também é uma parte constitutiva da realidade para que esta não permaneça estática, amorfa. Dito de outra maneira, “a contradição não é apenas entendida como categoria interpretativa do real, mas também sendo ela própria existente no movimento do real, como motor interno do movimento, já que se refere ao curso do desenvolvimento da realidade” (Cury, 2000, 30).

Diante da complexidade desta discussão, traçamos aqui de maneira breve, no primeiro momento, a partir da obra *A Ideologia Alemã* (Marx; Engels, 2007), as bases alguns fundamentos do Materialismo Histórico Dialético. E, em um segundo momento, fechamos a discussão apresentada nesta seção com algumas categorias metodológicas marxinas que podem servir de aporte para pesquisadores/as em educação analisarem seus objetos de pesquisa.

### Considerações finais

Para falar das categorias metodológicas e pressupostos do MHD que utilizamos neste trabalho – como a **historicidade**, a **totalidade**, a **contradição** e as **determinações** – foi necessário nos remeter à teoria que tem Marx e Engels como principais referências – até porque, como dito no início do trabalho, teoria e método não estão dissociadas no Materialismo Histórico e Dialético.

Somado a estes dois indissociáveis elementos abordados no começo – teoria e método –, é muito importante destacar que o Materialismo Histórico Dialético também é uma perspectiva revolucionária de transformação da realidade. Para Marx e Engels (2007, p. 30), “isto é, para o comunista, trata-se de revolucionar o mundo, de enfrentar e transformar praticamente o estado das coisas por ele encontrado”. Ou seja, tendo o MHD como orientação teórico-metodológica o/a pesquisador/a busca não só apreender o movimento real do fenômeno, mas também proporcionar que a sua pesquisa, após concluída, sirva como instrumento de intervenção na realidade concreta, como possibilidade de superação do *status quo*.

E, além de ter o objetivo de trazer contribuições marxianas para auxiliar pesquisadores/as em suas pesquisas na área de educação, é também a este propósito revolucionário o presente trabalho se propõe a ser instrumento. Como o próprio Marx e Engels deixaram evidente em suas trajetórias, devemos ler a realidade, produzir e se apropriar do conhecimento, não só para interpretar a o mundo e os fenômenos, mas também para transformá-los!

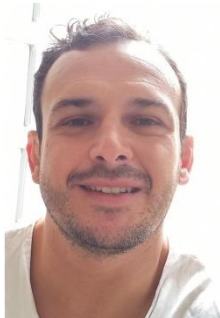
Nesse sentido, entendemos que é imprescindível ter o MHD como orientação teórico-metodológica na investigação científica de objeto de estudo na área de Educação, sobretudo em políticas públicas pois, muitas vezes, os fenômenos são multifacetados, frequentemente, se apresentando em sua aparência como independentes e neutros, escondendo a sua essência, as **determinações** que o constituem e a sua conexão com a **totalidade** social.

Assim, a nossa busca investigativa deve seguir no sentido de desvendar essa **contradição** entre o que o objeto apresenta ser, a sua aparência, e a sua essência, o que realmente *é* – ou melhor, o que realmente está. Pois, a realidade, o fenômeno estudado, as políticas públicas e as demais totalidades a que eles se conectam – neste mundo do devir onde a contradição impera – nunca serão autônomos, independentes e neutros, como também nunca estarão prontos e acabados.

## Referências

- CURY, C. R. J. **Educação e contradição**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HUNGARO, E. M. A questão do método na constituição da teoria social de Marx. In: CUNHA, C; SOUSA, J. V; SILVA, M. A. (Orgs.). **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014. p. 15-78.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo Editora, 2011.
- MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo Editora, 2007.
- MASSON, G. A importância dos fundamentos ontológicos nas pesquisas sobre políticas educacionais: contribuições do materialismo histórico-dialético. In: CUNHA, C; SOUSA, J. V; SILVA, M. A. (Orgs.) **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014. p. 201-226
- NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão popular, 2011.
- RODRÍGUEZ, M. V. Pesquisa social: contribuições do método materialista histórico-dialético. In: CUNHA, C; SOUSA, J. V; SILVA, M. A. (Orgs.) **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014. p. 131-152.

Autor 1:



Hilheno Oliveiral Miranda  
Doutorando em Educação pelo PPGED/UESB. Mestre em Educação pelo PPGED/UESB. Membro do Grupo de Pesquisa em Ludicidade, Didática, Política e Práxis Educacional – (LUDIPPE).  
Email: [hilheno@hotmail.com](mailto:hilheno@hotmail.com)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5574292942393455>  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1871-1065>

Autor 2:



Ennia Débora Passos Braga Pires  
Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGEd da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); Líder do Grupo de Pesquisa em Ludicidade, Didática, Política e Práxis Educacional (LUDIPPE).  
Email: [enniadebora@uesb.edu.br](mailto:enniadebora@uesb.edu.br)  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3730763511772600>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3924-4996>

Autor 3:



Jasmym Alves França  
Mestre em Educação pelo PPGED/UESB. Membro do Grupo de Pesquisa em Ludicidade, Didática, Política e Práxis Educacional – (LUDIPPE).

Email: [jasmymfranca7@gmail.com](mailto:jasmymfranca7@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7802056921325929>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1753-4024>

Autor 4



Vaneide Ferreira Viana  
Mestra em educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Grupo de Pesquisa Ludicidade, Didática, Política e Práxis Educacional - LUDIPPE.

Email: [vaneidefviana@gmail.com](mailto:vaneidefviana@gmail.com)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1441653698504376>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-6290-2065>